ALTERNATIVAS

Celeiro do mundo

O algodão do Brasil amplia sua participação nos mercados mundiais, exportando sementes de alta qualidade

DÉCIO BONDIOLI

O mundo já conhece a laranja, a soja, o café e o cacau do Brasil. Agora começa a conhecer seu algodão de alta qualidade. Pode parecer contraditório o Brasil estar exportando algodão, já que não é auto-suficiente na produção dessa cultura tida como a maior não alimentícia do planeta. Só no ano passado, de acordo com dados do Ministério da Agricultura, o país importou cerca de 382 mil toneladas de fios.

Queda e ascensão

A produção brasileira de algodão caiu vertiginosamente devido em grande parte à abertura econômica do mercado via redução de tarifas de importação. Era mais fácil para o país adquirir algodão lá fora a preço mais vantajoso e de qualidade melhor do que o produzido internamente.

Alguns fatores contribuíram para que a área cultivada com algodão aqui crescesse: as quebras argentinas, a desvalorização do real ante o dólar – que melhorou a competitividade do produto têxtil final brasileiro no mercado externo – e a redução das importações.

Alguns fatores contribuíram para que a área cultivada com algodão crescesse no país: as quebras argentinas, a desvalorização do real ante o dólar – que melhorou a competitividade do produto têxtil final brasileiro no mercado externo – e a diminuição das importações.

Hoje há no país cerca de 740 mil hectares cultivados, o que possibilitará uma oferta de aproximadamente 927 mil toneladas de algodão na safra atual. No ano passado, foram cerca de 676 mil hectares cultivados e 839 mil toneladas de oferta total. Os dados são da Secex.

Exportações crescentes

O Brasil demorou a aparecer no mercado como exportador do produto por conta da falta de tradição exportadora, que o impedia dispor de uma base sólida de clientes e de incentivos à exportação do produto. Mas esta situação mudará muito em breve.

Projeções da recém-criada Associação Nacional dos Exportadores de Algodão dão conta de que o país exportará durante esta safra de 20 a 25 mil toneladas de algodão, principalmente para a Europa, mercado notoriamente conhecido por adquirir apenas algodão de excelente qualidade.

Estima-se que para a próxima safra as exportações brasileiras do produto atinjam cerca de 50 mil toneladas.

Olho na competitividade

O simples fato de uma associação nacional ter sido criada traduz a importância do assunto para a economia brasileira. Um dos seus papéis será o de defender os produtores de algodão junto às empresas e ao governo para que os incentivos sejam incrementados e a produção se torne menos problemática para os cotonicultores.

Hoje em dia apenas estados como Mato Grosso e Goiás oferecem algum tipo de incentivo aos produtores de algodão, como o crédito de ICMS de 6,5%. Incentivos semelhantes poderiam ser adotados por outros estados produtores e pelo

governo federal, que deve começar a ver o algodão com olhos de exportador.

O gerente administrativo da Unicotton – Cooperativa dos Produtores de Algodão do Sudeste de Mato Grosso –, Wilson Chiminacio, em reportagem do *Diário de Cuiabá*, afirmou que é necessário adaptar as máquinas e melhorar a qualidade do algodão desde o momento da colheita até o beneficiamento.

Espaço aberto

A MDM está desenvolvendo sementes de alta qualidade como a variedade DeltaOPAL, que propiciou uma produtividade de até 400 arrobas por hectare em lavouras localizadas em Santana, Bahia – mais do dobro da média brasileira.

A Grécia, país membro da União Européia, considerada um dos mercados mais exigentes do mundo, está prestes a importar sementes DeltaOPAL produzidas no Brasil. Será a primeira exportação de sementes de algodão brasileiro para o continente europeu, numa quantidade estimada em cerca de 800 mil quilos. O Brasil já cumpriu as duas exigências impostas pelo mercado europeu, que são a aceitação pela OCDE e a aprovação das sementes brasileiras por uma comissão especializada. Para que a exportação se concretize, resta apenas ao governo brasileiro ultimar os procedimentos necessários.

Se o país for mesmo o celeiro do mundo tão apregoado por todos, está na hora de abrir um espaço para o algodão nesse celeiro. Algodão que já veste e alimenta e que a partir de agora também levará o rótulo *made in Brazil* para o resto do mundo.

Decio Bondioli é gerente geral da MDM.

Sementes do futuro

Sementes geneticamente modificadas podem tornar o algodão brasileiro sustentável e competitivo

Stuart Donald

A biotecnologia agrícola é amplamente aplicada ao plantio de algodão em todo o mundo. O algodão está sendo produzido de maneira mais econômica, segura e ambientalmente correta. Este ano, mais de 61% das lavouras de algodão dos Estados Unidos vieram de sementes geneticamente modificadas. A tecnologia oferece ao Brasil uma importante ferramenta para o desenvolvimento sustentável da indústria do algodão, que poderá competir com o resto do mundo.

Em sua forma atual, a biotecnologia agrícola consiste em conferir determinadas características às plantas – uma certa resistência a pestes e insetos e tolerância a herbicidas específicos, por exemplo –, permitindo maior controle de plantas daninhas.

Essas características são o resultado da transferência de um gene (modificação genética) determinado, que pode ser de outra planta ou organismo, para uma planta de algodão.

Na realidade, o processo nada mais é do que uma extensão dos métodos tradicionais de plantio para selecionar as características desejáveis das plantas. A diferença está em que permite a transferência de maior variedade de informações genéticas de forma mais precisa, eficiente e controlada.

Insetos e herbicidas

O algodão resistente a insetos, conhecido nos EUA como Bollgard, apresenta resistência a pragas específicas que causam grandes perdas nas lavouras do mundo: *Heliocoverpa*, *Heliothis*, *Pectinaphora* e *Alabama* – essa última no Brasil.

O algodão tolerante a herbicidas é principalmente representado pelo algodão Roundup Ready, que permite aos agricultores a aplicação do herbicida Roundup sobre a parte superior da planta, fornecendo maior controle sobre plantas daninhas.

Uma terceira tecnologia, resistente a insetos e tolerante a herbicidas, chamada nos EUA de Bollgard/Roundup Ready, já está plantada ao menos em 20% da área total. Essa tecnologia dá à planta uma dupla proteção, graças aos avanços da biotecnologia.

A biotecnologia agrícola não traz vantagens somente para os sistemas agrícolas de larga escala. A adoção de culturas origi-